

Uso da linguagem literária em aulas de História¹

Use of literary language in History classes¹

Clara Madalena Xavier BARROS²
João PACHECO³

Submetido em: 02/03/2023

Aprovado em: 03/03/2023

Publicado em: 15/03/2023

DOI 10.51473/ed.al.v3i1.496

Resumo

O presente artigo tem como objetivo levar a uma reflexão sobre o uso de literatura /poema como fonte histórica e sua utilização em sala de aula, uma vez que o poema reflete sobre o momento vivenciado pelo homem. Em primeiro momento abordou-se os caminhos traçados pela história cultural, tendo como base os teóricos: Sandra Pesavento, Robert Carlos Santos, Peter Burke, Roger Chartier. Analisou-se também a literatura como fonte histórica e a possibilidade da junção do ensino de História com a linguagem literária, dando relevância aos saltos e sobressaltos neste diálogo, as divergências e convergências na utilização de obras literárias na aula de história e a discussão acerca da limitação entre ambas, já que a História e a Literatura têm o mesmo objeto de estudo que é o homem como agente da História. Procurou-se mostrar os fatos históricos contidos nos poemas do professor Carlos Alberto de Assis Cavalcanti e sua utilização em sala, com o auxílio dos pensadores da história cultural. A utilização desses procedimentos proporcionou o entendimento e reflexão acerca da compreensão da temática escolhida, assim como fornecimento de informações para possíveis discussões sobre o assunto. A metodologia utilizada contemplou a pesquisa bibliográfica, analisando poemas do autor pesquisado, sobre a história e sua junção com a literatura nas ações pedagógicas. Priorizando a pesquisa de natureza teórica, foram selecionados e consultados livros, artigos, poemas, textos e trabalhos acadêmicos, com o objetivo de proporcionar o embasamento teórico necessário para a concretização deste trabalho científico. A partir desse pressuposto, este ensaio, traça um esboço teórico sobre o uso de literatura como uma linguagem diversa no ensino de História, demonstrando que há narrativa histórica em contos literários, sendo possível a utilização de escritos literários como fontes históricas.

Palavras-Chave: Literatura/poema. Ensino de história. Obras literárias.

Abstract

This article aims to lead to a reflection on the use of literature / poem as a historical source and its use in the classroom, since the poem reflects on the moment experienced by man. First time tracings paths approached by cultural history, based on the theoretical: Sandra Pesavento, Robert Carlos Santos, Peter Burke, Roger Chartier. also considered whether to literature as a historical source and the possibility of joint history teaching with the literary language, giving relevance to the jumps and jolts this dialogue, the differences and the use of literary works in history class and discussion of limitation between them, since history and literature have the same object of study that is man as agent of History. The methodology used included the literature, analyzing the author's poems researched on the history and its junction with the literature in the pedagogical actions. Prioritizing research theoretical, they were selected and consulted books, articles, poems, texts and scholarly works, in order to provide the theoretical foundation necessary for the realization of this scientific work. Finally, we try to show the historical facts contained in teacher poems Carlos Alberto de Assis Cavalcanti and their use in the classroom, with the help of thinkers of cultural history. The use of these procedures has provided understanding and reflection on the understanding of the chosen theme, as well as providing information for possible discussions on the subject. From this assumption, this paper outlines a theoretical outline on the use of literature as a different language in the teaching of history, demonstrating that there is historical narrative in literary tales, with the possible use of literary writings as historical sources.

1

Keywords: Literature / poem. History teaching. Literary works.

1 Artigo resultante de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, do Curso de Especialização em Historiografia e História do Centro de Ensino Superior de Arcoverde – CESA - PE, apresentado a Banca Examinadora, em cumprimento às exigências para a aquisição do Título de Especialista e por exigência para a Conclusão do Curso de Especialização.

2 Aluna do Curso de Especialização em Historiografia e Ensino de História da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde- AESA e do Centro de Ensino Superior de Arcoverde- CESA. Contato: clara_mxb@hotmail.com

3 Professor Orientador do Curso de Especialização.

A História é o mais belo romance anedótico que o homem vem compondo desde que aprendeu a escrever. Mas que tem com o passado a História? Toma dele fatos e personagens e os vai estilizando ao sabor da imaginação artística dos historiadores. Só isso. (LOBATO, 1926).⁴

Introdução

O presente trabalho originou-se da necessidade de se realizar uma reflexão sobre a importância do uso metodológico da linguagem literária no ensino de História, a partir da análise da obra Literária do Professor Carlos Alberto de Assis Cavalcanti. Percebe-se que ainda predomina em sala de aula o uso exclusivo dos textos tradicionais dos livros didáticos, o que impossibilita que o professor possa relacionar fatos históricos com narrativas literárias priorizando a literatura nacional e estabelecendo o entrelace entre os fatos históricos e relatos literários.

Tendo em vista a grande importância de introduzir novos métodos em sala de aula, pois se percebe que ainda predomina em sala de aula o uso exclusivo dos textos tradicionais dos livros didáticos, o que impossibilita que o professor possa relacionar fatos históricos com narrativas literárias priorizando a literatura nacional e estabelecendo o entrelace entre os fatos históricos e relatos literários. Realizar uma reflexão sobre a importância do uso metodológico da linguagem literária no ensino de História. A utilização de narrativas literárias como fontes históricas, tem conquistado espaço nas discussões sobre a utilização de novas linguagens no ensino de História. Objetivou-se com esta pesquisa, evidenciar a importância de utilizar textos literários como fonte histórica.

A história é o produto mais perigoso que a química do intelecto elaborou. Suas propriedades são bem conhecidas. Ela faz sonhar, embriaga os povos, provoca falsas lembranças, exagera seus reflexos, cultiva suas velhas feridas, atormenta-os quando em repouso, os conduz ao delírio de grandeza ou ao de perseguição, e torna as nações amargas, soberbas, insuportáveis e vãs. A história justifica aquilo que quisermos. Ela não ensina rigorosamente nada, pois contém tudo e fornece exemplos de tudo. (VALÉRY apud CAMILOTTI, 2006)

História e literatura

Ao compreender a História como ciência que investiga o passado da humanidade e todo o processo de evolução da humanidade, tem se observado que os historiadores buscam novos caminhos através de mecanismos que unam técnicas metodológicas, empregando a literatura na pesquisa histórica. Esta é uma realidade também vista em sala de aula.

A relação entre literatura e história pode ser entendida de duas maneiras. A primeira enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos. Para semelhante perspectiva é necessário compreender que nossa relação contemporânea com as obras e os gêneros não pode ser considerada nem como invariante nem como universal. (CHARTIER, 1996).

A história, para ser abordada sob o olhar literário carecerá de uma análise metodológica a fim de identificar o conteúdo que melhor se familiarize para uma primeira abordagem temática, e toda sua contextualização deve ser previamente filtrada. Relacionar os textos literários aos acontecimentos históricos como opção metodológica no ensino de História pode proporcionar, aos alunos, não só a compreensão histórica como também a literária, visto que a literatura fecha lacunas que passaram despercebidas pelos historiadores. O controle dessa forma de manipular esta relação entre história e literatura constrói uma composição segmentada por posições específicas e legitimadoras.

[...] a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre

⁴ Romance de 1926, O excerto remete para diálogo desenvolvido por dois personagens de O presidente negro: o cientista Professor Benson, que havia inventado formas de alcançar o conhecimento do passado e do futuro, e Ayrton, homem comum que, ao acaso, entrou em contato com o primeiro. apud CAMILOTTI E NAXARA.

o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado. (PESAVENTO, 2003:58-59).

Este diálogo, História/Literatura, mostrará ao aluno que história do cotidiano é feita “*no agora*”, também por pequenos homens e pequenas mulheres e por todos os homens e mulheres. A partir desta análise observamos que a interdisciplinaridade entre História e Literatura possibilitará um enriquecimento no trato do conteúdo histórico, mesmo que este não seja abordado a partir de documentos como é de costume. Esta nova perspectiva construída sob uma estética de recepção diferenciada apresentará um novo caminho que percorrerá o imaginário na busca da construção do conhecimento. O processamento destas percepções entre diálogo literário e a História reflete alternativa de prática pedagógica identificada no contexto mais abrangente trabalhado pelo professor, como uma tendência inovadora de importância imprescindível para o reconhecimento dos estudos que doravante se tornará alicerce definitivo da aprendizagem.

[...] o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador. [...] Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ter nela é a representação que ela comporta[...]o que nela se resgata é a reapresentação do mundo que comporta a forma narrativa. (PESAVENTO, 1995:117)

A partir da problemática abordada neste trabalho, efetivamente concordamos que a inovação da metodologia abordada pelos professores de História e Literatura é uma forma de repensar o ensino de história para inovar as práticas docentes, já por muitas vezes tão desgastadas e saturadas, propiciando melhores resultados nas práticas docentes que incentivarão de forma universal o pensamento na análise destas duas áreas de conhecimento.

Para Pesavento (2004, p. 83), o historiador deve tomar a literatura a partir do tempo de sua escrita, do autor e da época em que foi produzida, tanto se o texto falar de sua época, de uma passada ou futura. Julgo que a história, como disciplina, é permanentemente ameaçada por duas tentações. Por um lado, fechar-se nos seus próprios objetos e hábitos disciplinares, evitando um debate intelectual mais vasto; por outro, satisfazer-se com as discussões metodológicas ou epistemológicas, esquecendo-se de que deve ser, acima de tudo, produção de novos conhecimentos, a partir da construção de objetos novos e da análise rigorosa dos documentos. Para se proteger destes dois perigos, um bom método será apoiar-se nas contribuições teóricas fundamentais das outras ciências humanas e sociais, e mobilizá-las para uma interpretação mais forte, mais densa, dos problemas históricos. É essa a razão de ser do cruzamento entre disciplinas que durante muito tempo se ignoraram (Roger Chartier, 2012).

Há muito tempo a junção entre História e Literatura vem sendo discutida, todavia ambas comungam do mesmo ideal, o estudo do homem como sujeito de sua própria história, e buscam respostas para tal, seja por meio da ficção na Literatura ou por meio dos fatos, arquivos e documentos utilizados por historiadores. Sabe-se que o historiador é, além de um escritor, um narrador. O poeta é em si um escritor que pode também narrar, mas uma coisa é escrever como poeta, outra, como historiador: o poeta pode contar ou cantar coisas não como foram, mas como deveriam ter sido, enquanto o historiador deve relatá-la não como deveriam ter sido, mas como foram, sem acrescentar ou subtrair da verdade o que quer que seja. (CERVANTES apud SANTOS 2005, p. 3)

3

Segundo Santos, a História e a Literatura passaram por diversos momentos na história. O século XIX é marcado por caminhos distanciados em que a Literatura e a História assumem trajetórias distintas, o romance literário embriaga-se com o imaginário e a subjetividade e a História deleita-se nas águas científicas dadas pelo positivismo, porém, tanto a História quanto a Literatura, em suas abordagens, priorizam o homem como ser transformador. Com o desenvolvimento da historiografia moderna e a consolidação do romance como

criação literária, a história afirma-se como narrativa de acontecimentos. Em pleno século XX observa-se uma nova postura de percepção das narrativas históricas, onde o historiador não está mais neutralizado pelos discursos que expõe, mas pela pesquisa os narra, assumindo o entrelace entre História e poema, conforme se atesta nos escritos abaixo:

Curiosamente, a era da suspeita acaba sendo também uma era de confiança na capacidade de a FICÇÃO desvendar sendas ocultas do real, justamente assumindo essa postura radicalmente crítica em relação ao poder mimético da palavra. Assumir a subjetividade e a precariedade das perspectivas no enfoque do real seria talvez uma forma menos ilusória e, portanto, mais eficaz, de conhecer. (...) É por aí que uma escrita do ROMANCE (e também o repensar da questão do narrador e da questão da VEROSSIMILHANÇA) encontra uma crítica da História e da filosofia da História, voltando a colocar-se a velha questão aristotélica da relação entre História, filosofia e poesia. (LEITE, apud SANTOS 2005 p.09).

É neste desejo, de que a ficção revele o que de mais oculto real tornou sem visibilidade, que o professor pode levar o aluno a “viajar” nas narrativas históricas através da Literatura, onde por meio da imaginação, passa-se a construir uma sociedade real, onde, o histórico inicia-se no pensar para depois tornar-se fato, onde o imaginário e o abstrato, o não visto e não experimentado podem servir de base para a compreensão da sociedade tal como é. O não visto é uma representação do mundo que se coloca no lugar da realidade, mas sem confundir-se com ela. Cabe ao historiador pesquisar a veracidade e sua verossimilhança, podendo converter tudo em fontes históricas, mostrando até onde uma obra literária é ficção e onde é narrativa histórica. Muitos historiadores trabalham com as tais marcas de historicidade e desejam chegar lá. Logo, frequentam arquivos e arrecadam fontes, se valem de um método de análise e pesquisa, na busca de proximidade com o real acontecido. Escritores de literatura não tem este compromisso com o resgate das marcas de veracidade que funcionam como provas de que algo deva ter existido. (PESAVENTO, 2006 P.12).

Um dos conhecimentos que podem fazer sentido é ensinar o aluno a usar narrativas literárias nas aulas de história, pois a Literatura, pela poesia ou pela prosa, constituída por romance, fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica, trazendo à tona as lembranças que estão cravadas nas memórias, e os registros que se guardam na memória podem apresentar opções de aprendizagem fantásticas. Segundo Jacques Le Goff, citado por Santiago e Miranda.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (2000.p.8)

A memória humaniza o homem, que não é uma tábula rasa onde se pode depositar o conhecimento, mas é contido de experiência que deve ser respeitada pelo historiador. Le Goff salienta que a História tem suas raízes na memória, e devemos trazê-la, usando-as como instrumento de liberdade, ela sendo o objetivo humano, condição alcançada por meio da aprendizagem, a qual não se dá apenas no conhecer o objeto, mas oportuniza condições para modificá-lo criando um novo conceito. Apesar desta possível junção, entre romance verdadeiro. História, para o iconoclasta Veyne, apud Pesavento (2006 p.9), “A História é um Verdadeiro porque aconteceu, mas romance porque cabe ao historiador explicar como”. O autor mostra a importância do historiador na investigação dos fatos, sem menosprezar o imaginário das narrativas já que uma completa a outra. Prosseguindo, o autor observa que, ao comparar História com a Literatura percebe-se que a História, ocupa um lugar de destaque, por lançar mão da pesquisa disciplinamos campos da Psicologia, Sociologia e Antropologia. Essa observação do autor comprova-se na citação seguinte:

Ao mesmo tempo, porém, grande parte da renovação intelectual entre os historiadores modernos resultou de sua disposição a recorrer a outras disciplinas acadêmicas em busca de insights teóricos metodológicos, o que a uma expansão e redefinição política da historiografia tradicional. (KRAMER apud SANTOS, 2005 p.05)

Na ótica do autor, a interdisciplinaridade no ensino de História deu mais dinamicidade à docência com o uso de diversas linguagens, facilitando a junção da narrativa literária com a realidade histórica. A vinculação do discurso literário com a narrativa histórica tem encontrado embaraços por causa da falta de limitação de ambos os campos, sendo tanto o discurso quanto a narrativa essencialmente literário. Ainda sobre a conexão entre o discurso literário e a narrativa histórica, Todorov, citado em Santos afirma que:

[...] contém frequentemente muitos fios e é apenas a partir de um certo momento que estes fios se reúnem. (...) A história é, pois, uma convenção, e não existe ao nível dos próprios acontecimentos. (...) A história é uma abstração, pois ela é sempre percebida e narrada por alguém, não existe em si. (2005 p.6).

Estas discussões, que tratam das obras literárias como fontes históricas, vêm sendo trabalhadas há muito tempo. Em seu artigo, Santos a firma que:

Há muito tempo a literatura deixou de ser um mero fenômeno de superestrutura, produzido, de certa forma, pela infraestrutura econômica (as relações de produção). Durante séculos a Literatura fez da História um dos pilares da ficção. Recentemente, são cada vez mais numerosos os exemplos de utilização da Literatura como fonte para a produção da História. (2005 p.10).

Estes encontros e desencontros se dão por causa do poder artístico no qual a Literatura estava banhada, não necessitando da veracidade do real, não se limitando ao tempo, do que aconteceu, se realmente aconteceu, utilizando a ficção, o imaginário, o anseio do escritor que pode embriagar-se de imaginação para, nas suas narrativas, usar caso almeje, a ver a semelhança e a modificação que a Literatura permite. Porém, a História não pode descolar de sua base, que é a vida humana. Para Sevecenko, citado por Santos, a Literatura é um produto artístico com raízes no social em que a humanidade está arraigada.

A História por sua vez é vivenciada no presente dinâmico, recorrendo ao passado com base em coletas de dados, fatos, fontes, documentos, investigações, pesquisas e rastros do acontecido para construir a narrativa histórica, com o auxílio de outras disciplinas. Estas observações comprovam - se na citação seguinte:

[...] A literatura é um produto da imaginação criadora, independente da atividade lógica e reflexiva {...} Diferentemente da literatura, é a história uma atividade racional de conhecimento e interpretação do passado, utilizando-se de toda uma aparelhagem técnica e conceitual, fornecida por diversas ciências auxiliares. Seu objetivo é o fato histórico, acontecido precisamente num determinado tempo e lugar. Não pode fugir do fato, e a ele se dirige através dos documentos escritos e monumentais, os vários testemunhos da ação humana a través dos tempos e lugares (COUTINHO apud SANTOS, 2005 p.7).

Para o autor a diferença está em que a História narra acontecimentos e a Literatura, fatos que poderiam acontecer. Os literários podem criar e recriar verdades modificadas pela cosmovisão do leitor que pode interpretá-la como desejo, construindo uma nova narrativa sobre a obra. Através do seu ponto de vista, ele pode ler nas entrelinhas, no que o autor queria falar, o que não falo, não precisando de comprovação científica. Observa-se que a Literatura,

Como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriu outra, graças a imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. {...} O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades fatuais. Os fatos que manipulam não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgota o quadro. (COUTINHO apud SANTOS 2005 p.02).

Para Pesavento (2006, p.8), a História “formula as perguntas e coloca as questões, enquanto a Literatura opera como fonte”. Esta forma de ver a Literatura como recurso didático, só aconteceu graças a não neutralização do pesquisador nas narrativas. O historiador tem um vasto campo de fontes para usar como ferramentas

em suas pesquisas não se limitando apenas a documentos escritos, podendo usar da memória como fonte, cabendo-o analisar verificar o grau de realidade e de ficção destas fontes. Esta inserção de narrativa literária em pesquisas históricas tem como finalidade mostrar ao historiador a mentalidade da época, os anseios, a possibilidade, como foi ou como poderia ter acontecido. Sobre esse quadro social o historiador se debruça no resgate dos sentimentos, das razões da época. A possibilidade de um determinado fato ter acontecido de outra forma, e não como foi, é o que o historiador busca, ele não se angustia com a verdade ou inverdade dos discursos literários, pois a narrativa literária:

É história, no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real. {...}. Mas a obra é ao mesmo tempo discurso: existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor que a percebe. Neste nível não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los. (TODOROV apud SANTOS 2005 p.05).

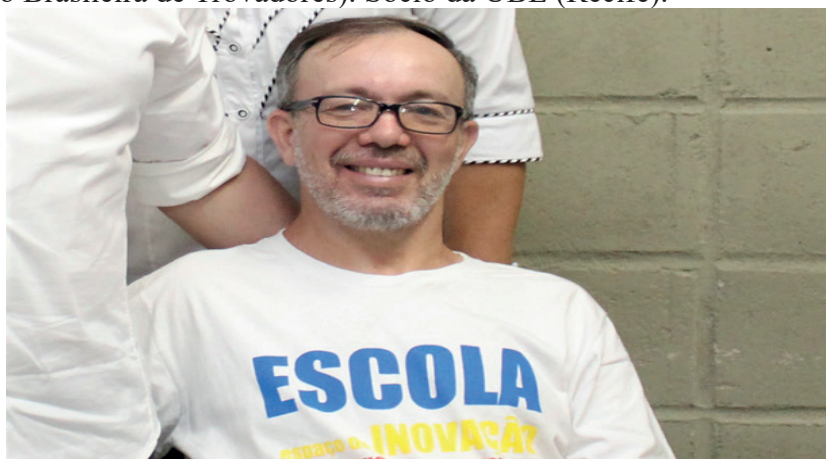
O belo da utilização da inter/multidisciplinaridade de outras disciplinas com história está na educação estética, no real e no imaginário, na construção, nos fatos históricos e da obra literária.

Fatos históricos nos poemas do professor Carlos Alberto

Carlos Alberto de Assis Cavalcanti é casado com a Sra. Jaci Ferreira Lira Cavalcanti reside na Rua Edílio Simões da Rocha, 100 – Casa 18 Bairro: São Miguel 56509-490 – Arcoverde – PE Fone: 87-3822-1279 e-mail: cajaprof@hotmail.com. Professor do Centro de Ensino Superior de Arcoverde – PE (área de Letras) e da Escola Industrial de Arcoverde – PE, Mestre em Teoria da Literatura - UFPE

Autor de: Itinerário Poético – poesias – Menção Honrosa no Concurso Nacional de Poesias da Academia Pernambucana de Letras (2001); várias premiações nacionais em concursos de poemas; sonetos e trovas.

Membro Correspondente da: Academia Cachoeirense de Letras – Cachoeiro do Itapemirim – ES; Academia de Letras Rio – Cidade Maravilhosa, RJ; Academia de Letras e Artes de Ponta Grossa – PR. Delegado Municipal da UBT (União Brasileira de Trovadores). Sócio da UBE (Recife).



Disponível: <http://darciorabelo.com.br/professor-carlos-alberto-ganha-mais-um-prêmio-nacional-de-poesia>

6

A escolha dos poemas do professor Carlos Alberto, deu-se por causa da sutileza com que ele aborda os fatos históricos em seus escritos, salientando os fatos “antigos” que necessitam ser lembrando para não ser, mas vivenciados, poemas/fatos que se misturam entre passados e presente, outros tão atuais e um saudosismo do passado e seus personagens.

O poema: Brilho mortal, foi escolhido por mostraras com sequências da guerra, mesmo de uma forma erudita o autor repassa as consequências de uma guerra, nos levando a vivência os fatos que foram reais ele “brincar” com a nossa imaginação e nos leva ao passado. Assim:

Naquela manhã quente e ensolarada, iriam esperar que lá de cima fosse a morte sobre eles derramada. Mas a trama mortal estava armada, uma nova Guernica se dizima, a cidade-cobaia enquadrada, o veneno letal invade o clima. (CAVALCANTI, 2015)

A partir dos versos acima o professor poderá abortar a segunda guerra mundial e o período posterior à segunda Guerra Mundial, em agosto de 1945 a cidade de Hiroshima fora marcada por uma bomba atômica, uma arma com poder de destruição superior, que antes vista, algo que mudaria a História.

Dobra-se o mundo em luto e desencanto ao ver os mortos, sobre o chão nipônico, imolados no altar das ambições. Que as lições ensinadas pelo pranto (alívio que restou do incenso atômico) permaneçam em nossos corações. (CAVALCANTI, 2015).

O seguinte poema vai além dos conflitos entre país, ele nos leva a pensar e analisar o sentido micro, os efeitos daquela manhã de agosto, as questões econômicas, políticas, social e culturas e as marcas deixadas na memória dos sobreviventes a guerras, com base nele o professor abordara os conflitos atuais as chagas deixadas.

Já em trechos do poema Ressonância, o autor faz uma relação das diferentes realidades existentes no Brasil, das injustiças sociais e da inconformidade daqueles que buscam viver em uma sociedade mais justa e igualitária. Veja:

O silêncio da voz agora é o grito que ressoa nas ruas da cidade a proclamar, do povo, num só rito, o protesto que estampa a realidade.

Existe um “berço esplêndido”, é verdade, mas fora dele dorme, muito aflito, o filho que, sem teto, na cidade, do rol do benefício está proscrito. (CAVALCANTI, 2015)

Assim, ao fazer uma leitura crítica do trecho destacado abaixo, pode-se abordar a crise econômica e política que passa o Brasil, e ao mesmo tempo buscar entender as consequências das mesmas para o povo brasileiro, que almeja uma resolução no sentido de caio Prado Jr, “Revolução ,ele afirma, não se relaciona diretamente ao caráter violento, insurrecional, da conquista do poder por uma grupo social,...em sentido profundo, revolução é um processo social que realiza transformações estruturais.” e na busca destas transformações que o povo vai as ruas para mostrar o seu descontentamento, observa-se:

E se alguns, que têm berço reluzente, negam o pão, que lhes sobra, ao indigente, há um hiato entre a prática e o discurso.

É por isso que o povo canta em coro contra aqueles que quebram o decoro, pois lhes falta a vergonha por recurso. (CAVALCANTI, 2015)

No poema “entra e sai”:

Entra (a pé) o paciente; paciente, enfrenta a fila do SUS; o médico lhe receita um chá (de cadeira); o paciente, desconfiado, sai pó-ciente de que logo será apenas pó. Ciente disso, dá um SUSpiro e sai (de carro) fúnebre... (CAVALCANTI, 2015).

A análise deste poema atravessa o dilema constante porque passam os menos favorecidos em todas as sociedades. A negativa da esperança de uma sobrevivência é afirmada a partir da desesperança. Trabalhar este conteúdo em sala de aula traz os questionamentos acerca de como andam os programas de atendimento em nosso país. Uma questão não apenas localizada, mas uma problemática que atinge uma vasta camada. A triste realidade enfrentada em hospitais não seria diferente da triste realidade enfrentada nas escolas, pois nem saúde e nem educação funcionam e o que resta é a desconfiança e um último suspiro... Este de alívio ou de tristeza.

7

A necessidade não suprida nos vários corredores dá lugar a desesperança e a certeza única que temos em nossa vida, que venha a morte.

Na penumbra do sol crepusculino, um menino se esconde nos escombros de um prédio abandonado. Clandestino, delira em meio à cola e seus assombros. Não ouve mais conselhos e dá de ombros quanto ao que lhe reserva seu destino. Não teme que lhe faltem os ensombros, pois, à margem da vida, é peregrino. Nem percebe que já não tem mais prumo, que a vida, em parafuso, perde o rumo, que a mísera existência valha um níquel. Que uma luz se lhe acenda neste mundo que não seja uma vela ao moribundo, mas que seja uma luz no fim do túnel. (CAVALCANTI, 2015)

O texto mostra claramente mais uma falha no sistema que remete nossas crianças à escuridão do abandono social e dessas muitas lutas vencidas a cada dia, um de cada vez. Trabalhando o texto em sala de aula poderemos abordar a problemática das drogas e da violenta destruição dos seus efeitos morais e materiais. A inocência perdida da criança que dificilmente será resgatada e do abandono familiar muitas vezes também afetado. Trabalhar esta realidade em sala de aula é mostrar o lado das duas moedas e de como este caminho não tem retorno. A incerteza é demonstrada pelo descaso e pela descrença no futuro no tanto faz à vida e o que ela pode proporcionar já que no agora entorpecido pelo veneno social não vê o futuro, pois ele nem existe.

As obras são valorosas, quanto se trata das questões sociais, o professor pode levá-las a sala de aula no intuito de que os alunos reflitam sobre as lutas sociais, no poema in foco verifica-se a banalidade nos dias atuais. Veja:

Um jornal cobre o corpo inerte estirado na calçada de uma rua; curiosos formam um círculo em volta daquele corpo embrulhado em notícias também mortas; o jornal é de ontem e o morto não tem amanhã; ambos jazem hoje, sob o efeito de furos distintos: um, jornalístico; outro, balístico. No dia seguinte, o extinto vira notícia na página policial até que outros furos sejam dados no jornal por cobertura. (CAVALCANTI, 2015)

Muito se tem falado sobre a utilização de fatos do cotidiano para relata fatos ditos históricos ,passando de uma macro-história para uma macro-história, ao deparamos com o poema última sessão sentimos um saudosismo daquela época e seus personagens tão marcantes na nossa história e memória, vemos uma cidade, na época da construção do Cinema Bandeirante é Rio Branco, hoje Arcoverde, em desenvolvimento, as relações sociais, os efeitos da segunda Guerra mundial, no qual o professor pode a partir dele analisar a importância do cinema para a ampliação da visão da vida através da arte, o crescimento e desenvolvimento da cidade, no poema última sessão ele nos mostra a história do cinema.

Levanta-se o letreiro indicativo do elenco, sob os acordes finais da trilha sonora; as luzes são acesas; as cortinas automáticas lentamente se fecham; as portas laterais são abertas; levanta-se e sai, silenciosa e pensativa, a plateia; aos poucos, o recinto, antes ocupado, vai esvaziando, até a próxima sessão, na sala-gigante do gigante da Praça da Bandeira: O Cine Bandeirante! Quantas vezes repetiu-se esta cena, agradável registro na memória dos que viveram este cenário lúdico nas tardes domingueiras de matinê, ou nas sessões noturnas: crianças, jovens, adultos, todos, enfim, postados à espera da sessão; era um encontro marcado com a sétima arte; todos queriam ficar mais pertos de Tarzan, do Gordo e o Magro, ou do mocinho (rápido no gatilho e demorado nos beijos...). Hoje, já não vive a fantasia na Praça da Bandeira, quem sabe, partiu com A ÚLTIMA DILIGÊNCIA, deixando para trás a poeira dos escombros do cinema. A sua tela panorâmica, palco de duras lutas entre os peles-vermelhas e os caras- pálidas, empalideceu ante o brutal ataque dos brancos; o cinema foi literalmente escalpelado pela artimanha dos especuladores; o Gigante tombou e O VENTO LEVOU os sonhos dos Moraes e de quem mais sonhava enquanto não atacados pela INVESTIDA DE BÁRBAROS, um golpe baixo contra o Gigante, uma perda gigante para Arcoverde, que a tela do tempo relembra, nostálgica, ao abrir as cortinas da saudade. Agora, as luzes iluminam outra cena; a Praça parece que acena à procura de quem tenha a mágica de fazer voltar a fita para o filme começar, e assim, talvez, o Super-Homem volte a voar (sem medo de criptonita) e os homens-comuns voltem a sonhar (sem medo do futuro). (CAVALCANTI, 2007)

Não poderia deixar de citar as palavras de José Leite Duarte-Rocky Lane- sobre o fechamento do cine bandeirante: o progresso veio triturando as tradições e os costumes, expulsando as pessoas em busca de novos conhecimentos, novos padrões de vida e melhoria de vida... e sua saudade daquele tempo... tempos difíceis, mas valia a pena tudo eram emoções, fantasias e ilusões que povoavam as nossas cabecinhas, transformando as dificuldades em momentos de prazer.” O autor do poema analisado utiliza os filmes exibido no gigante da Praça da Bandeira para conta a trajetória do mesmo e a trajetória de uma cidade e seus personagens, tendo este enfoque percebe-se através do poemas poema fonado ao quanto é fundamental conhecer os personagens da história de uma localidade valorizando-os para não deixar morrer .veja:

“Informações, bom-dia!” Assim começa o dia de João Vicente, o João da Informação. Ele traz, na cabeça, os telefones da cidade e não há um que ele esqueça, pois ele tem Arcoverde gravada no coração. Sua

comunicação convincente recebe o sinal verde da memória prodigiosa, que tem sido generosa, dando a informação segura a quem liga à sua procura para desfazer a dúvida ou, talvez, pagar a dívida da promessa de um contato. João, com seu jeito informal, sempre atende com presteza, dá notícia e faz relato e é parte da história da Terra do Cardeal. Sua memória fantástica já saiu no Fantástico e é um banco de dados de inteligência diversa, que dá sempre a certeza de que todos os recados têm um endereço certo, quando João está por perto pra garantir a conversa. (CAVALCANTI, 2015)

Recorrendo as memórias da “velha cidade” analisar-se rua velha para mostrar o desenvolvimento da cidade, o cotidiano, as eleições, tanto ênfase as memórias como produtora da história. Veja:

A Rua Velha se estende saudoso sobre as lembranças dos moradores de ontem e de agora. Com ela, tem início as ruas da cidade. Suas calçadas registram as passadas de quem já passou da flor da idade e de quem, em flor, dá as primeiras pisadas. Algumas casas ainda conservam seus traços de quando era nova a Rua Velha; outras, já estão maquiadas pela arquitetura moderna. Em uma dessas casas, eu fui criança e minha avó cantava, cheia de esperança, seus hinos preferidos, em devoção. Paralelo à Rua Velha, o Riacho do Mel desliza suas águas não tão doces assim, amargando a vida dos moradores, quando invadia a rua, entrando nas casas, sem pedir licença, com suas botas de lama. Havia também quem, à procura da fama, em democrático arrastão, visitava as casas, distribuindo doces palavras, atrás dos votos pra garantir a eleição. À noite, em plena campanha, na rua em festa e iluminada, os políticos faziam, com artimanha, velhas promessas não muito claras. E assim se renovam na memória as lembranças da Rua Velha, que o cartório do tempo registra às folhas tantas do livro de História. (CAVALCANTI, 2015)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa fez-se análise da contribuição da Literatura como uma linguagem diversa no ensino de História, examinando os poemas do professor Carlos Alberto constatou-se que os fatos históricos presentes na obra estudada, podem ser utilizados pelos professores de História, mostrando a importância da memória, como registro de experiências vividas, presente nas obras literárias dessa produção e que pode ser utilizada no estudo da História como reconstrução dos fatos do cotidiano, tendo em vista os detalhes e as sensibilidades fornecidas pelas lembranças. Os propósitos desta pesquisa foram alcançados, pois pelo estudo da obra selecionada e registros das possibilidades de junção entre o ensino da História e da Literatura, evidencia-se a importância de utilizar textos literários nas aulas de História como uma opção metodológica capaz de proporcionar aprendizagem e compreensão da História nacional e local destacando as confluências e divergências no emprego da linguagem literária no ensino de História. Os passos metodológicos, em busca de aporte teórico, obtiveram, José Carlos Reis, Robert Santos, Sandra Pesavento e Carlos Alberto, garantiram a validade das intenções desta pesquisa que afirmam ser possível a utilização de narrativas Literárias nas aulas de História. Após a realização deste artigo observou-se a necessidade de introduzir cada vez mais obras literárias, sejam elas poemas, prosa, poesia, conto e entre outras nas aulas de história, tendo em vista a aprendizagem do aluno e sua compreensão da sociedade em que faz parte da mesma e a transforma, será de suma importância na compreensão dos fatos e para o aprimoramento da leitura e contextualização. Ao final deste trabalho, conclui-se que, a utilização da Literatura como linguagem diferenciada no ensino de História pode oportunizar ao aluno a compreensão de fatos históricos ocorridos no passado, que muitas vezes não são passíveis de interpretação pelo distanciamento do tempo em que se deram e do tempo em que se encontra o aluno. Muitas outras pesquisas podem se concretizar a partir das lacunas deixadas por esta pesquisa, pois muito há ainda a se pesquisar sobre esse enlace

9 sedutor do poema, da prosa, da poesia, do conto, entre outras expressões da linguagem escrita.

Referências

CAMILOTTI, Virgínia e NAXARA Márica: **História e literatura: Fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil**. 2006. Disponível em: ojs. C3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/história/article/download/.../10411

CHARTIER, Roger. **Culture écrite et société**. L'ordre des livres (XIV e XVIII e séculos), Paris, Albin Michel, 1996.

MIRANDA, Luca. **O livro didático de História hoje: um panorama a partir do PNLD**. *Rev.bras.hist.* vol.24 São Paulo 2004. Disponível em: <http://WWW.scileo.org.com>. Acesso: 10/10/11

PESAVENTO, Sandra. **História e literatura: uma velha-nova história**. 2006. Disponível em: <http://nuevo-mundo.revues.org/index1560.htm>. Acesso: 09/09/11

SAMPAIO, Andrade. **Literatura, prazer e ensino: que história é essa?** 2006. Disponível: <http://celosampaio@gmail.com>. Acesso: 20/09/11

SANTIAGO, Ana e MIRANDA, Maria. **História e linguagem: Elementos constitutivos Fundamentais da identidade social do Aluno**. 2006. Disponível: <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT1503.htm>. Acesso: 10/09/11

SANTOS, Robert Carlos. **História e Literatura: divergência e convergência**, 2005. Disponível em; <http://WWW.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/gt1504.htm>

Duarte, José Leite. **História do cinema bandeirante**, Recife.2010.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil de Varnhagen a FHC**, Fundação Getulio Vargas, 8ª edição, 2006.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. **História e Literatura: uma relação possível**, 2012
Disponível em; <HTTP://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica2/zeloidossantos>.